

economia



**Visão
Empresarial**
Paulo Giacomelli

Presidente do Instituto Liberdade

A nova reforma tributária e a asfixia da classe média

Aprendemos ainda na escola que as economias percorrem um caminho previsível: começam extrativistas, tornam-se agrárias, avançam para a industrialização e, já ricas, passam a ter o setor de serviços como predominante. Essa trajetória é clara em países desenvolvidos. O Brasil, no entanto, seguiu um desvio peculiar. Sem uma industrialização capaz de nos enriquecer, saltamos prematuramente para uma economia de serviços, não por abundância, mas por necessidade. O que sustentou esse salto foi a proliferação de atividades autônomas e informais: manicures, cabeleireiros, motoristas de aplicativo, vendedores ambulantes e pequenos prestadores de toda ordem formaram a espinha dorsal de um setor que se consolidou antes da hora, frágil, pulverizado e inseguro por natureza.

É justamente esse setor que a reforma tributária mira. A Receita Federal prepara um aparato tecnológico sem precedentes: um sistema 150 vezes maior que o Pix, apto a processar 70 bilhões de documentos eletrônicos por ano. Com ele, o split payment permitirá a repartição instantânea dos tributos entre União, estados e municípios. A eficiência é tamanha que estimativas realistas apontam para até R\$ 500 bilhões a mais em arrecadação anual. Eis a face da chamada modernização: a máquina pública se arma para arrecadar com precisão cirúrgica.

Mas toda eficiência tem um preço – e, neste caso, ele recai sobre a classe média brasileira. Enquanto a indústria, historicamente organizada e capaz de negociar regras próprias, vislumbra vantagens, o setor de serviços arcará com o peso. A assimetria é evidente: grandes conglomerados industriais, com lobby e poder político, tendem a ser beneficiados pela simplificação e pela não cumulatividade dos novos tributos. Já o trabalhador autônomo, o pequeno empresário, o profissional sem respaldo de entidades de classe, encontrará um ambiente mais caro, mais controlado e menos tolerante à informalidade.

O impacto não poderia vir em pior momento. Durante a pandemia, a classe média foi a que mais perdeu renda proporcionalmente: queda de 4,2%, contra apenas 1,5% do 1% mais rico. Além disso, em 2011, mais da metade da população se identificava como classe média; em 2021, esse número já havia recuado para 47%. Trata-se de um encolhimento evidente, acompanhado de inflação persistente, endividamento crescente e perda real do poder de compra.

Nesse contexto, a nova reforma tributária surge como um instrumento que, em vez de aliviar, ameaça sufocar. Não é apenas um ajuste técnico de arrecadação. É a consolidação de uma engrenagem que, ao privilegiar setores organizados e capitalizados, empurra o peso da carga para a base mais exposta da economia: os prestadores de serviços e, com eles, a já combalida classe média. Sob o atual governo, que não demonstra preocupação em proteger esse segmento, o risco é que essa classe seja levada a um patamar ainda mais precário, incapaz de sustentar o consumo interno e sem condições de preservar sua estabilidade.

A eficiência arrecadatória, tão celebrada pelos formuladores da reforma, pode se transformar, para milhões de brasileiros, no símbolo de uma era de maior tributação e menor prosperidade.

A nova reforma tributária surge como um instrumento que, em vez de aliviar, ameaça sufocar; não é apenas um ajuste técnico de arrecadação

Unidade de plástico verde em Triunfo celebra 15 anos

Planta gaúcha foi ampliada em cerca de 37% no decorrer da sua atividade

/PETROQUÍMICA

A Braskem celebra 15 anos do lançamento do chamado polietileno verde, considerado pela empresa um marco, que reforçou a liderança global da companhia em biopolímeros. O plástico verde é produzido no Polo Petroquímico de Triunfo.

Desde a partida da planta, em 2010, a sua produção evitou a emissão de 8 milhões de toneladas de CO₂ na atmosfera.

“Comemorar a trajetória de 15 anos da greenTM bio-based é celebrar o protagonismo da Braskem e do Brasil na transição global para uma indústria de baixo carbono e circular”, afirma o diretor industrial da Braskem no Rio Grande do Sul, Nelzo Silva.

A planta de eteno renovável partiu com capacidade de produção de 200 mil toneladas anuais. Atualmente, sua capacidade pro-



DIVULGAÇÃO BRASKEM/C

Braskem ressalta importância do segmento de biopolímeros

duzida é de 275 mil toneladas ao ano, o que representa um aumento de 37% em relação ao projeto inicial. As informações foram divulgadas pela assessoria de imprensa da empresa.

O objetivo da Braskem é expandir a sua capacidade produtiva de bioprodutos e produtos bio-atribuídos para 1 milhão de to-

neladas até 2030 em outras frentes de crescimento. Atualmente, a matéria-prima é utilizada em três produtos de fonte renovável: o polietileno, usado em diversas aplicações, como embalagens; o EVA, muito usado em solado de calçados; e a cera de Polietileno, usada na produção de adesivos, cosméticos, entre outros.

Ministro diz que Brasil deve ‘remodelar’ setor nuclear

/ENERGIA

O ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, disse ontem que o governo deve “remodelar” o setor nuclear brasileiro, em proposta que será apresentada em breve. Ele relatou conversas com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, com a ministra da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, e com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

A ideia, que deve envolver as estatais do setor nuclear, será apresentada no Conselho Nacional de Política Energética (CNPE).

“É um trabalho que nós vamos fazer e eu espero que nos próximos cinco anos, liderado pelo presidente Lula, possamos entregar um setor nuclear robusto, com energia limpa, segura, avançando na transição energética”, declarou Silveira, em conversa com jornalistas.

O ministro de Minas e Energia disse que a próxima reunião do CNPE será no dia 31 de outubro. Ele adiantou, na conversa com jornalistas, que a discussão sobre a retomada de Angra 3 deverá entrar na pauta.

O presidente Lula tem participado das últimas reuniões do

Conselho de assessoramento da presidência no setor energético. Como mostrou a Broadcast (sistema de notícias em tempo real do Grupo Estadão), a indefinição sobre a usina de Angra 3 é motivo de frustração de técnicos de diferentes áreas do governo.

Os técnicos ouvidos ressaltam que os custos da obra parada seriam um “aluguel sem retorno” próximo de R\$ 100 milhões por mês.

Para as mesmas fontes, a decisão já deveria ter sido tomada. São cerca de 11.500 equipamentos em Angra 3 e R\$ 12 bilhões aportados desde 2009.

Aneel aprova edital para 11 lotes de transmissão

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) aprovou ontem o edital do leilão de transmissão que ocorrerá em 31 de outubro, na sede da B3, em São Paulo. Serão ofertados 11 lotes de concessões para construção, operação e manutenção de linhas de transmissão, com investimentos estimados em R\$ 7,89 bilhões. O

objetivo é ampliar e reforçar a Rede Básica do Sistema Interligado Nacional (SIN).

Os 11 lotes contemplam 1.178 quilômetros de linhas de transmissão e 51 instalações distribuídas por 12 estados brasileiros: Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte,

Rondônia, Rio Grande do Sul e São Paulo.

A assinatura dos contratos de concessão está marcada para 23 de fevereiro do ano que vem. Os contratos preveem prazos definidos para conclusão das obras e início da operação comercial, além de exigências relacionadas à qualidade do serviço.